



JORNALISMO

Incongruências na prática jornalística: a (in)visibilidade das mulheres como fontes jornalísticas no programa Combate ao coronavírus

Inconsistencies in journalistic practice: the (in)visibility of women as journalistic sources in the program Combate ao coronavírus

Inconsistencias en las prácticas periodística: la (in)visibilidad de las mujeres como fuentes periodísticas em el programa Combate ao coronavírus

**Muriel Emídio Pessoa
do Amaral**

orcid.org/0000-0003-3069-6697
murielamaral@yahoo.com.br

Paula Melani Rocha

orcid.org/0000-0001-5525-6650
paulamelani@gmail.com

Recebido em: 6 dez. 2021.

Aprovado em: 28 fev. 2022.

Publicado em: 22 ago. 2022.

Resumo: O artigo discute a ausência na produção jornalística de práticas de inclusão com enfoque em gênero. O recorte do estudo é a invisibilidade de fontes femininas no programa Combate ao coronavírus, exibido pela Rede Globo de Televisão. Foram selecionadas todas as 49 edições e analisou-se as fontes consultadas e citadas diretamente. A discussão fundamenta-se no gênero como perspectiva analítica em interface com os estudos do jornalismo. O artigo percorre a promoção da invisibilidade de fontes de mulheres especialistas e constata que o programa não reconheceu o protagonismo feminino ao não recorrer às mulheres como fontes jornalísticas. A discussão aponta para a prevalência de fontes masculinas especialistas na construção da notícia, apesar da presença majoritária de profissionais mulheres na área da saúde no Brasil.

Palavras-chave: Cobertura jornalística. Mulheres. Fonte jornalística. COVID-19. Programa Combate ao Coronavírus.

Abstract: The article discusses the absence of gender-focused inclusion practices in journalistic production. The focus of the study is the invisibility of female sources in the program Combate ao coronavírus (Rede Globo de Televisão). All 49 editions were selected, and the sources consulted and cited directly were analyzed. The discussion is based on gender as an analytical perspective in interface with journalism studies. The article discusses the promotion of the invisibility of female specialist sources and finds that the program did not recognize women's protagonism by not resorting to women as journalistic sources. The discussion points to the prevalence of male sources who are experts in the construction of news, despite the majority presence of women professionals in the field of health in Brazil.

Keywords: News coverage. Women. Journalistic source. COVID-19. Combate ao Coronavírus Show.

Resumen: El artículo discute la ausencia de prácticas de inclusión con enfoque de género en la producción periodística. El foco del estudio es la invisibilidad de las fuentes femeninas en el programa Combate ao coronavírus, transmitido por Rede Globo de Televisão. Se seleccionaron las 49 ediciones y se analizaron las fuentes consultadas y citadas directamente. La discusión se basa en el género como perspectiva analítica en interfaz con los estudios de periodismo. El artículo discute la promoción de la invisibilidad de las fuentes especializadas femeninas y encuentra que el programa no reconoció el protagonismo de las mujeres al no recurrir a las mujeres como fuentes periodísticas. La discusión apunta a la prevalencia de fuentes masculinas expertas en la construcción de noticias, a pesar de la presencia mayoritaria de mujeres profesionales en el campo de la salud em Brasil.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Estadual Paulista (Unesp), Bauru, SP, Brasil.

² Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, PR, Brasil.

Palabras clave: Cobertura de notícias. Mujeres. Fuente periodista. COVID-19. Programa de lucha contra el coronavirus

Introdução

Em 11 de março de 2020, Tedros Adhanom, diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), anunciou que a organização elevou o estado da contaminação do novo coronavírus, Sars-Cov2, à pandemia de COVID-19. A doença espalhou-se rapidamente pelos países ao redor do mundo e abalou sistemas de saúde, economias, causou crises políticas e instabilidade nas relações internacionais entre nações, reiterou desigualdades sociais, e vem matando pessoas desde então em todos os continentes. De acordo com os dados da universidade estadunidense Johns Hopkins, foram notificados até o dia 07 de março de 2021, quase um ano depois do anúncio oficial do diretor da OMS, mais de 2,5 milhões de mortes e mais de 116 milhões de notificações da doença em 192 países. Além disso, no primeiro semestre de 2021 também se constatou novas cepas do vírus no Brasil, Inglaterra, África do Sul e Índia. A taxa de desocupação, quanto a atividades laborais, na América Latina e Caribe chegou a 10,6%, com um total de 30,1 milhões de pessoas desempregadas, segundo levantamento da Organização Internacional do Trabalho (OIT), divulgado em 17 de dezembro de 2020 (PANORAMA LABORAL, 2020). Mesmo com o conselho da OMS para a realização de medidas sanitárias, houve a ausência de políticas públicas eficazes em alguns países, como no Brasil, além de uma série de adversidades que vieram à tona para lidar com a pandemia como a falta de infraestrutura médico-hospitalar, a deficiência econômica e a debilidade para atendimento a populações em estado de vulnerabilidade.

Dentro da realidade pandêmica, mulheres foram nacional e internacionalmente reconhecidas no espaço público enquanto autoridades para enfrentar a crise causada pelo novo vírus tanto na área política, na área médico-cientifi-

ca e na área de saúde. Destaque para Jacinta Ardern, primeira-ministra da Nova Zelândia, um dos exemplos mais bem-sucedidos no combate à pandemia no mundo, o que rendeu a ela a reeleição ao cargo em outubro de 2020. No Brasil, as pesquisadoras Ester Sabino e Jaqueline Goes de Jesus, da Universidade de São Paulo (USP), decifraram em 48 horas o genoma do vírus, um feito crucial para compreender a evolução da doença. As pesquisadoras Margareth Dalcomo, da Fundação Oswaldo Cruz, e Natalia Pasternak, do Instituto Questão de Ciência, entidade responsável pela divulgação científica, também ganharam destaque para esclarecimentos sobre a doença.

Além do campo científico, houve também predominância das mulheres na força de trabalho da saúde e na linha de frente no combate à COVID-19. Elas compreenderam 70% do quadro de profissionais, incluindo equipe de serviço social, em âmbito global de atendimento, de acordo com o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) (HERNANDES; VIEIRA, 2020). E no Brasil não foi diferente, elas representaram 78,9% entre enfermeiras, agentes comunitárias, médicas, técnicas de enfermagem e auxiliar de enfermagem (HERNANDES; VIEIRA, 2020).

Em outro ramo de atuação, a difusão de conhecimento também teve participação consistente de mulheres. Em 2020, houve o lançamento de livros em que profissionais mulheres que protagonizaram suas reflexões sobre a pandemia sob diversas perspectivas. Laura Carvalho (2020) abordou sobre as questões econômicas e a participação do Estado para o enfrentamento da pandemia; Maria Homem (2020) dissertou sobre as questões psíquicas e emocionais; Aparecida Vilaça (2020) refletiu sobre a realidade enfrentada por comunidades tradicionais e o agravamento das questões ambientais e Juliana Borges (2020) abordou acerca da realidade enfrentada na pandemia por pessoas privadas de liberdade e encarceradas em presídios. É importante apontar que durante a pandemia, houve outros problemas que foram enfrentados como a enxurrada de *fake news* e

os comportamentos de verve negacionistas.³

Se por um lado houve o destaque feminino na atuação do combate à pandemia, a pergunta que norteia esta discussão é: houve a visibilidade por parte do jornalismo em reconhecer as mulheres como fontes consultadas? Como objetivo geral, o artigo busca identificar e refletir sobre a presença de fontes mulheres nas notícias produzidas pelo programa *Combate ao coronavírus*, exibido pela Rede Globo de Televisão e nas plataformas digitais da emissora. Parte-se da hipótese de que mesmo havendo destaque das mulheres no combate à pandemia, houve invisibilidade das mulheres como fontes nos processos de construção da notícia. Assim, foram contabilizadas as fontes e personagens que ilustraram os 49 episódios do programa e divididas entre homens e mulheres. A diferença da quantidade entre as duas classificações é considerável⁴ e a discrepância numérica entre fontes consultadas que são profissionais de medicina também é notória. A diferença entre a quantidade de homens e mulheres que exercem a medicina no país não é tão expressiva, as mulheres compreendem a 47,5% dos profissionais (HERNANDES; VIEIRA, 2020), contudo a diferença entre os grupos consultados pelo programa foi aguda.

Para este artigo, o termo visibilidade será compreendido a partir das considerações feitas por Hannah Arendt (2010, 2018). De acordo com a autora, a visibilidade sustenta a ação política e legitima a pluralidade dos discursos apresentados no espaço público. E, seguindo essa ideia, a pesquisa compreende que a consulta às fontes dentro das práticas jornalísticas oferece visibilidade e pluralidade de discursos para circulação no espaço público. Paralelamente a essa proposta, o artigo aborda o gênero como categoria de análise (SCOTT, 1990) em interface aos estudos de jornalismo (ERBOLATO, 1991; TUCHMAN, 1978;

TRAQUINA, 2003; WOITOWICZ; ROCHA, 2014; GOMES, 2009; ROCHA; DANCOSKY, 2016; LAGE, 2000). Além disso, a pesquisa também aponta o entendimento de Silva (2010) de reconhecer as práticas do jornalismo como pertencentes ao gênero masculino e a invisibilidade de mulheres enquanto fontes consultadas no exercício do jornalismo (TORRES, 2000), sobretudo como especialistas.

Desenvolvimento

O programa *Combate ao coronavírus* foi uma iniciativa editorial da Central Globo de Jornalismo para oferecer informações e debates acerca da pandemia causada pelo novo coronavírus que, naquela altura, ainda havia pouco conhecimento. O enfrentamento contra as infecções estava limitado basicamente a realizar quarentena, promover distanciamento físico, fazer uso de máscaras e álcool em gel e medidas profiláticas e sanitárias como lavar as mãos com mais frequência e higienizar roupas e outros objetos, uma vez que não havia vacina ou medicamentos de comprovação científica para o combate à doença. *Combate ao coronavírus* substituiu a grade de programação matinal de entretenimento da emissora que era composta pelos programas *Encontro com Fátima Bernardes* e *Mais você*, apresentados por Fátima Bernardes e Ana Maria Braga, respectivamente. Sendo exibido de segunda-feira a sexta-feira, o programa começou no dia 17 de março de 2020, seis dias após a OMS decretar pandemia da doença causada pelo novo vírus, e se estendeu até o dia 22 de maio de 2020. Além da exibição ao vivo pela Globo, o programa pode ser assistido pela plataforma GloboPlay.⁵

Apresentado pelo jornalista Márcio Gomes, o programa é basicamente composto por uma banca formada por dois profissionais das diversas especialidades da área médica que esclarece-

³ Parte dos discursos negacionistas propagados foram estimulados por representantes políticos no Brasil e no mundo. A ideia negacionista impulsionou a crises sanitária, política, econômica e social, deixando o cenário ainda mais dramático. Políticos como Jair Bolsonaro, no Brasil, e Donald Trump, nos Estados Unidos, minimizaram a gravidade da doença, descumpriram medidas sanitárias como o uso de máscara e a necessidade de isolamento para evitar aglomeração.

⁴ Para este artigo, a pesquisa se limita em apresentar quantitativamente o número entre homens e mulheres enquanto fontes consultadas. A diferença do tempo de aparição entre homens e mulheres enquanto fontes será tema de outros estudos que poderão ser elaborados em oportunidades vindouras.

⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/combate-ao-coronavirus/t/dNbXKsnNZx>. Acesso em: 22 fev. 2021.

ram dúvidas dos telespectadores e internautas que foram enviadas pelas redes sociais pela #perguntacoronavirus. Além disso, foram veiculadas reportagens sobre a evolução da doença e o panorama enfrentado no Brasil e no mundo que eram comentadas pelos profissionais no estúdio. Também foram entrevistados profissionais de outras áreas de conhecimento e campos de atuação como advogados, enfermeiras, empresários, comerciantes, profissionais de manutenção, síndicos de condomínios que abordaram as mudanças no cotidiano pela imposição de novas rotinas de trabalho e socialização. Até o dia 17 de abril de 2020, o programa contava com duas horas de duração; depois dessa data, o tempo foi reduzido a uma hora de duração e veiculado até às 10h da manhã. Em 22 de maio de 2020, *Combate ao coronavírus* foi extinto, totalizando 49 programas e 73 horas de exibição na TV aberta.

A escolha pelo programa guiou-se, primeiramente, porque a organização e a proposta editorial aconteceram a toque de caixa e a mudança foi abrupta, rompendo com a grade da programação convencional da emissora. Além disso, trata-se de uma proposta jornalística, apresentando reflexões pertinentes ao enfrentamento da pandemia e questões importantes para o debate público sobre o estado de vulnerabilidade em que se encontra grande parte da sociedade brasileira no que tange às medidas sanitárias e condições socioeconômicas.

A iniciativa de trazer à tona as dúvidas dos cidadãos, de promover o debate sobre as melhores medidas de prevenção e combate à infecção e de discutir até mesmo sobre o luto são estratégias de reconhecimento do sujeito no espaço público. Conforme aponta Butler (2019), o luto também é uma manifestação política a partir do momento em que a dor e o sofrimento são levados ao reconhecimento público. A proposta da linha editorial do programa de promover a participação e interação entre os cidadãos com intuito de organizar o espaço público é uma ideia muito querida pela pesquisa porque dialoga com o conceito de visibilidade empreendido por Hannah Arendt (2010, 2018). Para a autora, a visibilidade é

um dos pilares de sustentação da ação política. É importante salientar que a ação política, para Arendt, é a organização do espaço público orquestrada através do fomento da liberdade, da comunicação, da visibilidade e da pluralidade. Assim, dentro do espaço público, a intenção de liquidar qualquer um desses conceitos não promove a ação política, mas pode abrir precedentes para o fomento da violência.

A ideia de Arendt (2010, 2018) de articular a ação política à visibilidade e pluralidade foi edificada a partir da sua leitura e vivência pelo surgimento do totalitarismo na Europa ainda na primeira metade do século XX. De acordo com a autora, a fantasia de acreditar na supremacia de uma raça e outras práticas fora do esquadro da política edificaram ações totalitárias que tiveram aderência social e provocaram como sintoma, dentre outros, a destruição da condição humana e a miscelânea entre os aspectos públicos e privados no espaço político. A visibilidade no espaço público acontece a partir da intenção de promover o diálogo e a interação entre os diversos pontos de vistas. Arendt (2010, 2018) não reconhece a visibilidade sem a possibilidade de fomentar também a pluralidade, como aconteceu na ascensão do fascismo.

As questões acerca da pluralidade também são queridas pela autora para a formação da ação política porque alavancam a diversidade discursiva e de representações no espaço público. Para Arendt (2018), a pluralidade não se encontra na quantidade numerosa de sujeitos ou grupos que reverberam e reproduzem discursos com os mesmos sentidos, mas se manifesta na contemplação da diversidade e da diferença de vivências e experiências que são conjugadas no espaço público. Arendt (2018) acredita que o desenvolvimento da política não acontece de modo linear e é justamente na discussão pública que se encontra o dissenso e o debate, mas que essa condição não seja motivo para o desenvolvimento da violência. A partir dessas ideias, o texto se desenvolve em reconhecer a visibilidade e pluralidade das fontes entre homens e mulheres nas práticas do jornalismo a partir do

programa *Combate ao coronavírus*.

Discussão

A importância em verificar a quantidade de fontes femininas no programa *Combate ao coronavírus* vai ao encontro de uma série de estudos realizados que apresentaram desproporcionalidade entre homens e mulheres nos discursos e práticas jornalísticas. A invisibilidade de fontes femininas não é um fenômeno recente. Em pesquisa realizada por Rocha e Dancosky (2016), há invisibilidade feminina nas editorias de tecnologia, além da presença escassa de mulheres jornalistas como produtoras de conteúdos a essas editorias. De acordo com as autoras, "[...] o processo de construção da notícia, na amostra analisada, tanto o jornalista dos jornais estudados quanto os profissionais das agências de notícias priorizaram as fontes masculinas" (ROCHA; DANCOSKY, 2016, p. 133). Em outro estudo, Woitowicz e Rocha (2014) apontaram que ainda há a permanência da invisibilidade de mulheres como fontes nas práticas do jornalismo para a construção da notícia; e Silva (2010) mostra que há prevalência por códigos e atitudes masculinos nas redações e também na produção da notícia.

Enquanto construção discursiva, por exemplo, Fowler (1994) elenca uma série de adjetivos, muitas vezes no diminutivo, para caracterizar mulheres com pessoas indefesas e suscetíveis nas notícias jornalísticas. Para o autor, essa representação não avança para o reconhecimento das mulheres no espaço público, ao contrário, refrata e fortalece estereótipos associando as mulheres às condições de fragilidade e inferioridade. Ainda de acordo com o autor, este expediente adotado pela imprensa concretiza de modo enfático as relações que são estabelecidas pela ideologia enquanto valores dominantes associados a práticas políticas que transparecem também o sentido das representações sociais que estão em circulação sobre as questões de gênero. As representações quando construídas a partir da perpetuação de estereótipos e dessubjetivação não promovem a liberdade e a pluralidade de sentidos, além de esvaziar os processos de significação de grupos

e sujeitos no espaço público.

A ocorrência dessas práticas no jornalismo fundamenta a violência simbólica pelo viés do gênero. De acordo com Saffioti (2001), a violência simbólica sofrida por mulheres não fica retida no entendimento de Pierre Bourdieu sobre o tema. Mesmo reconhecendo a importância das concepções do autor quando ele apontou que a dominação masculina acontece enquanto uma maquinaria cultural e social que se encontra estruturada pelos valores androcêntricos, Saffioti dá um passo a mais nessa condição e reconhece a potencialidade da dominação masculina, na mesma proporção que também verifica a organização de mulheres como movimento de resistência não apenas à dominação, mas também contra a exploração. Além disso, pela perspectiva da autora, há a necessidade de acompanhar e analisar a violência sob outros aspectos, como as relações de classe social, raça e étnicos que oferecem observações mais precisas acerca das categorias sobre gênero. Pelo olhar de Saffioti, o gênero pode ser considerado uma categoria analítica histórica, como pensou Scott (1990). De acordo com Scott, o gênero pode ser concebido como uma relação de poder e estruturante das relações sociais e simbólicas, além de ser uma entidade explicativa para elucidar acerca das desigualdades e as ocorrências de violência.

As práticas do jornalismo também apresentam valores que profetizam a distinção entre homens e mulheres. A dessubjetivação e a hierarquização entre homens e mulheres e entre signos masculinos e femininos podem ser observadas em representações, para além daquelas apresentadas por Fowler (1994) como a construção da imagem de Dilma Rousseff a partir do *impeachment* sofrido por ela em 2016. De acordo com Amaral e Arias Neto (2017), para além dos conchavos políticos, os valores sexistas e machistas impulsionaram a ocorrência do processo de impedimento de Dilma Rousseff. Os autores consultaram veículos de imprensa como a revista *IstoÉ*, site da revista *Veja* e *TV Estadão*, pertencente ao grupo Estado de S. Paulo, para justificar que o *impeachment* foi um cenário próspero para a desqualificação de

uma mulher no exercício da presidência.

Para além das propostas de representação nos discursos, mais próximo ao objeto de estudo deste texto, Silva (2010) considera que o jornalismo pertence ao gênero masculino a partir dos seus modos e lógicas de produção. Acompanhando a rotina de produção de um programa televisivo em Porto Alegre, a autora pôde reconhecer uma série de procedimentos que a fizeram concluir a presença de androgenia na redação do programa. Um dos pontos elencados por Silva (2010) é o quanto a potência do valor-notícia traz marcadores masculinizados muito claros ainda na elaboração da pauta e que esses marcadores também estão presentes em outros estágios da produção da notícia. O conceito de valor-notícia é também fundamentado pelos rigores ideológicos que estruturam e organizam os acontecimentos veiculados nos meios de comunicação, o que fortalece a ideia de que as notícias são construções sociais que podem trazer signos masculinizados.

Para além deste ponto, a autora pôde observar que as formas de sociabilidades e convivência dentro e fora do espaço de trabalho são perpassadas por olhares masculinizados entre os/as profissionais da redação. Dessa forma, os processos e lógicas de produção eram marcados em diálogos com aspectos predominantemente masculinos, seja porque os assuntos abordados na redação do programa analisado pela autora eram sugeridos por homens, ou os temas eram tratados sobre pontos de vista masculinos ou, até mesmo, as relações de trabalho eram baseadas em aspectos masculinizados como o vigor para apresentar posicionamentos e a agressividade na convivência, comportamentos reproduzidos tanto por homens como por mulheres (SILVA, 2010).

A discussão deste artigo não aborda as rotinas produtivas do programa *Combate ao coronavírus*. Todavia, se por um lado houve intensa participação das mulheres nas áreas acadêmico-científicas ou de difusão de conhecimento, essa visibilidade não pôde ser vista de modo enfático nas práticas do jornalismo, a partir da leitura do programa em tela. Mesmo havendo diversidade quanto à ocupação profissional das fontes mulheres,

destacando profissionais de saúde com formação superior como médicas, enfermeiras, fisioterapeutas e nutricionistas, o número de mulheres ainda permaneceu abaixo quando comparado à presença masculina de fontes especialistas.

A pesquisa se ateu em acompanhar a quantidade de fontes no programa enquanto movimento de promover a visibilidade de mulheres, segundo a perspectiva de Arendt (2018). As práticas e as atividades do jornalismo são orientadas para a promoção de reconhecimento e visibilidade de acontecimentos e pessoas que estejam alinhados ao interesse público, além de apresentar a *mundanidade*, ou seja, tudo aquilo que circula no mundo e compõe o mundo a ser apreciado. Conforme Gomes (2009, p. 15) apresenta "É o jornalismo e a sua teia de notícias que estabelecem para os que desfrutam de relatos sobre o mundo os contornos do horizonte da mundanidade ou atualidade, determinando os eventos e os objetos que dele fazem parte".

Assim, a notícia, que é resultado do atravessamento de vários olhares sobre o fato, é uma construção social da realidade, segundo Tuchman (1978). As informações coletadas pela atuação de profissionais de jornalismo são transformadas por perspectivas ideológicas. Destarte, a notícia é elaborada em consonância com a hierarquia da composição dos cargos, as deliberações do Estado e a diversidade de relações e uma série de outras perspectivas que são estabelecidas. A seleção das fontes para a elaboração da notícia é um dos elementos que compõe a construção da realidade. As fontes, a partir dos seus discursos, oferecem versões dos fatos que são apurados por profissionais de jornalismo e não estão isentas da interferência ideológica. Por isso que a constante recorrência às mesmas fontes para abordar determinados assuntos naturaliza a visibilidade das pessoas consultadas e este expediente não colabora para a evolução da pluralidade e diversidade de discursos, além de não promover a visibilidade de outras fontes e discursos.

Para Erbolato (1991) são consideradas fontes qualquer pessoa que presta informações aos repórteres. O autor oferece as classificações sobre

fontes como sendo fixas - aquelas que ilustram o cotidiano das redações como autoridades públicas, representantes de entidades de classe - e as fontes fora da rotina - consultadas para abordar acerca de determinados acontecimentos mais específicos ou inesperados. Erbolato também classifica as fontes como sendo autorizadas, que seriam os porta-vozes de autoridades, empresários e figuras públicas.

Logicamente que a condição de fonte não se limita em apenas ser uma pessoa que fornece informações a repórteres, mas a fonte é um dos alicerces das práticas jornalísticas ainda nos primeiros processos de produção da pauta. Além de pessoas, há ainda documentos, relatórios produzidos por instituições, materiais audiovisuais e livros que compõem um leque de possibilidades que podem ser consideradas como fontes. Não obstante às definições de Erbolato, Lage (2000) considera as fontes como sendo oficiais, oficiosas e independentes, sendo que:

Fontes oficiais são mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc. Fontes oficiosas são aquelas que, reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele, o que significa que o que disserem poderá ser desmentido. Fontes independentes são aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso (LAGE, 2000, p. 10).

Ainda na esteira do pensamento de Lage, as fontes podem ser classificadas como sendo primárias ou secundárias, sendo que "Fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números. Fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais" (LAGE, 2000, p. 11). Há ainda as fontes que são *testemunhos* cujos discursos são recobertos pela emotividade e modificado pela perspectiva a ser empreendida e os *experts* que "são geralmente fontes secundárias, que se procuram em busca de versões ou interpretações de eventos" (LAGE, 2000, p. 13). Um ponto

importante a salientar dentro do universo das fontes do programa, houve a presença de fontes testemunhos em dois programas específicos. O primeiro deles foi no dia 30 de março de 2020 em que anônimos gravaram e enviaram depoimentos de agradecimentos aos profissionais de saúde que estavam na linha frente nos hospitais e no programa do dia 21 de março de 2020, quando profissionais de diversas áreas apresentaram como estava abalado o estado emocional naquela altura da pandemia, com a predominância de mulheres como fontes desta qualidade.

Para além dessas classificações, as fontes promovem a visibilidade dos seus discursos e essa qualidade de atuação é o que fomenta os princípios de diversidade e pluralidade de representações e discursos no espaço público, segundo Hannah Arendt (2010). A linguagem utilizada na comunicação e o debate entre sujeitos livres é o que constituem o espaço político e a visibilidade de sujeitos e grupos. Essas considerações oferecem sustentação para observar que o programa usufruiu da qualidade das fontes enquanto diversidade de atuação no espaço público em alguns casos. Por exemplo, mesmo havendo a predominância de fontes oficiais das áreas da saúde, houve também a presença de anônimos, donas de casas, profissionais liberais, advogados, mães, pais, professoras/professores, idosos/idasas, pessoas em condições de rua e de vulnerabilidade apresentando suas queixas, anseios e dúvidas sobre a infecção e sobre o vírus até então muito desconhecido. Destarte, ocupar o espaço público pelo discurso é uma forma de construir a visibilidade e promover melhores saídas para o enfrentamento da crise pelo debate.

Se por um lado, o programa abriu um leque de diversidade quanto atuação profissional ou papéis sociais das fontes consultadas, a visibilidade quanto à recorrência de mulheres não ficou equidistante quando comparada à consulta de fontes masculinas. Nas definições apresentadas pelos autores citados anteriormente, as mulheres estão presentes em todas as classificações, entretanto em número menor quando a presença delas é comparada à presença masculina. A

Tabela 1 evidencia a quantidade de fontes consultadas em cada dia do programa e a separação entre homens e mulheres. De acordo com o levantamento realizado, o programa recorreu

a 566 fontes, sendo que 359 são homens e 207 são mulheres, ou seja, 63,42 % das fontes são homens e 36,58% são mulheres.

Tabela 1 – Fontes do programa Combate ao coronavírus

Fontes do programa <i>Combate ao coronavírus</i>		
Data	Homem	Mulher
22/05/2020	4	5
21/05/2020	2	7
20/05/2020	7	1
19/05/2020	3	1
18/05/2020	10	2
15/05/2020	5	1
14/05/2020	5	4
13/05/2020	3	4
12/05/2020	1	3
11/05/2020	4	2
08/05/2020	1	4
07/05/2020	4	0
06/05/2020	4	2
05/05/2020	5	2
04/05/2020	3	4
01/05/2020	7	7
30/04/2020	4	1
29/04/2020	2	2
28/04/2020	3	1
27/04/2020	4	2
24/04/2020	5	1
23/04/2020	5	1
22/04/2020	7	3
21/04/2020	7	0
20/04/2020	7	1
17/04/2020	11	10
16/04/2020	10	7
15/04/2020	6	6
14/04/2020	9	4
13/04/2020	7	6
10/04/2020	14	9
09/04/2020	13	7
08/04/2020	8	5
07/04/2020	11	1
06/04/2020	9	10

03/04/2020	13	6
02/04/2020	14	7
01/04/2020	12	3
31/03/2020	13	2
30/03/2020	19	5
27/03/2020	4	5
26/03/2020	9	7
25/03/2020	12	3
24/03/2020	11	4
23/03/2020	9	4
20/03/2020	6	5
19/03/2020	11	10
18/03/2020	4	13
17/03/2020	12	7
Total por gênero	359	207
Total global	566	

Fonte: Autores (2021).

Devido à própria condição pandêmica, houve grande procura para que as fontes fossem profissionais da saúde, em especial de medicina. Todas as fontes que dividiram a bancada junto ao apresentador e responderam às perguntas dos telespectadores e internautas eram médicos e médicas de diferentes especialidades. Por esse espectro, a quantidade de mulheres médicas

também se apresenta em desvantagem quando comparada ao número de homens médicos. Ao todo, foram 206 profissionais de medicina, sendo que 138 eram homens e 68 mulheres. A Tabela 2 apresenta a quantidade de profissionais de medicina que foram consultados em cada um dos programas.

Tabela 2 – Médicas e médicos como fontes no programa *Combate ao coronavírus*

Médicas e médicos como fontes no programa <i>Combate ao coronavírus</i>		
Data	Homem	Mulher
22/05/2020	2	3
21/05/2020	1	2
20/05/2020	3	0
19/05/2020	2	0
18/05/2020	1	2
15/05/2020	4	0
14/05/2020	2	1
13/05/2020	1	4
12/05/2020	1	2
11/05/2020	3	0
08/05/2020	1	1
07/05/2020	3	0
06/05/2020	3	1

05/05/2020	1	2
04/05/2020	1	3
01/05/2020	4	2
30/04/2020	2	1
29/04/2020	2	2
28/04/2020	2	1
27/04/2020	2	2
24/04/2020	2	0
23/04/2020	2	1
22/04/2020	2	1
21/04/2020	4	0
20/04/2020	2	0
17/04/2020	3	2
16/04/2020	5	2
15/04/2020	4	1
14/04/2020	4	1
13/04/2020	2	2
10/04/2020	3	2
09/04/2020	2	1
08/04/2020	3	4
07/04/2020	4	0
06/04/2020	3	1
03/04/2020	4	3
02/04/2020	5	0
01/04/2020	4	2
31/03/2020	5	1
30/03/2020	3	2
27/03/2020	2	2
26/03/2020	5	3
25/03/2020	5	2
24/03/2020	5	0
23/03/2020	4	0
20/03/2020	4	1
19/03/2020	1	2
18/03/2020	0	2
17/03/2020	4	3
Total por gênero	138	68
Total global	206	

Fonte: Autores (2021).

Os dados levantados pela pesquisa a partir da leitura do programa não acompanham a realidade de profissionais de medicina em atividades no

Brasil. De acordo com informações da Demografia Médica no Brasil de 2018 (SCHEFFER, M. *et al.*, 2018), baseado em dados de 2017, há mais

homens que mulheres no exercício da medicina, sendo que dos 414.831 dos profissionais, 54,4% são homens e 45,6% de mulheres. Todavia, há mais registros de mulheres de até 29 anos (57,4%) e na faixa etária dos 30 a 34 anos (53,7%). Além disso, há crescimento significativo de mulheres com registros nos conselhos estaduais entre os anos de 2000 e 2016. Enquanto dos 8.166 profissionais registrados em 2000, 3.594 eram mulheres (44%) e 4.572 eram homens (56%). Em 2016 houve 18.753 registros, sendo que 10.297 (54,9%) eram de mulheres e 8.456 (45,1%) eram registros de homens. A partir da leitura dos dados apresentados e a produção de notícias, a diferença entre as quantidades de fontes masculinas e femininas pode ser compreendida, pelo entendimento de Silva (2010), pela generificação do jornalismo, ou seja, a escolha de profissionais como fontes também perpassa as questões de gênero.

É importante ressaltar que não houve espetacularização das fontes ou de qualquer conteúdo do programa e a ausência de visibilidade de fontes femininas não promoveu humilhação às mulheres, muito embora isso ocorra nas práticas jornalísticas. Em estudo realizado por Hasan e Gil (2016), baseado em informações apresentadas pela World Association Christian Communication (WACC), houve a constatação de que, como entrevistadas ou protagonistas de notícias, as mulheres se limitavam ao papel de figuras "ordinárias" enquanto os homens gozavam da condição de "experts" dos assuntos abordados. Além dessa condição, as autoras apresentam que dos conteúdos analisados, 46% deles reforçam estereótipos feministas enquanto apenas 8% deles questionam a existência desses estereótipos nos discursos jornalísticos.

Tal prevalência pelas fontes masculinas especialistas não decresceu em comparação com o monitoramento realizado pelo Global Media Monitoring Project em 2020 (GMMP), durante a pandemia. No recorte brasileiro,⁶ o estudo revelou que das 245 notícias codificadas relacionadas à

COVID-19, as mulheres como fonte "Especialista da academia, professor/a, palestrante" representaram 19% das fontes consultadas apresentadas diretamente nos textos, já os homens compreenderam 23% do total nesta classificação. O estudo apontou que "Quando são ouvidas, as mulheres aparecem mais vezes (59%) exercendo a função "Experiência pessoal", ou seja, quando a pessoa "apresenta opinião baseada em sua experiência pessoal e individual" (GLOBAL MEDIA MONITORING PROJECT, 2021, p. 11).

Se por um lado, houve certa deficiência ao propor a visibilidade de mulheres no programa, houve a sensibilidade de abordar o enfrentamento da doença por comunidades indígenas, no estado do Amazonas, um dos epicentros da pandemia no Brasil. O programa do dia 14 de maio de 2020 apresentou como essas comunidades lidaram com a necessidade de manter medidas sanitárias, além de esclarecer a população sobre os riscos e os danos da doença. Na ocasião, a técnica de enfermagem Vanda Ortega, da etnia Witoto, deu entrevista sobre a atuação dela naquela comunidade. Por outro lado, quando o assunto era a manutenção da limpeza e esterilização de espaços, no programa exibido no dia 20 de março de 2020, as fontes eram mulheres como a síndica de um condomínio. O programa do dia 01 de maio de 2020, em comemoração do Dia do Trabalhador, três profissionais da limpeza de hospitais deram seus depoimentos, sendo que duas delas eram mulheres. Mesmo oferecendo certa representatividade nas abordagens, o programa ainda é em alguma medida o retrato da ideia apresentada por Torres (2000), que afirma que as mulheres ainda são fontes pouco consultadas.

Considerações finais

Por ser um recorte de abordagem, o estudo apresentado trata-se de uma reflexão mais quantitativa e pode ser aprimorada em questões qualitativas para reconhecer os discursos enun-

⁶ Participaram do projeto 88 voluntários e voluntárias, distribuídos em 12 grupos de oito estados brasileiros, compreendendo as cinco regiões do país (Norte, Sul, Centro Oeste, Sudeste e Nordeste) e dois grupos de pesquisadores sediados em Portugal. Foram analisadas produções jornalísticas de jornais, portais online, emissoras de rádio e televisão e redes sociais. Ao todo 23 mídias.

ciados pelas mulheres no programa. A constatação de perceber que há invisibilidade de fontes femininas no programa não anula a prestação de serviço elaborada para esclarecimento e difusão de conhecimento sobre as medidas sanitárias para conter o número de infecções e de mortes. Assim, o jornalismo feito pelo programa leva o mérito de promover melhorias quanto ao espaço público no combate à doença.

Todavia, por outro lado, o programa manteve práticas percebidas ao longo de vários anos de limitar a visibilidade de mulheres enquanto fontes a serem consultadas para a construção da notícia, sobretudo como especialistas. A hipótese de o jornalismo não reconhecer as mulheres como fontes especialistas durante a pandemia se confirmou de modo significativo. E, se as notícias são construções sociais, em grande medida, as mulheres não ocuparam significativamente espaços dentro dessas construções mesmo quando alcançaram protagonismo na ciência ou compuseram a linha de frente de atendimento aos pacientes, ao menos pelo programa analisado. Além disso, o programa não acompanhou a tendência de oferecer visibilidade às mulheres como fontes de informação na pandemia e na produção de conhecimento. O programa também não viabilizou a presença de médicas como fontes, uma vez que a diferença entre mulheres e homens graduados em medicina no Brasil não é discrepante e há, dependendo da faixa etária, maior número de mulheres graduadas em medicina quando comparado ao número de homens. Assim, pelo olhar de Arendt, não foi promovida a visibilidade de modo consistente, uma vez que a participação feminina não foi equivalente quando comparada à presença masculina.

As práticas do jornalismo seguem pelas trilhas do gênero masculino ao promover a desproporção entre a quantidade de homens e mulheres como fontes de informação, perpetuando movimentos que são acompanhados há alguns anos dentro do universo das práticas da profissão. Ao verificar a disparidade do número de fontes, a visibilidade das mulheres no programa ficou aquém no recorte elaborado pela pesquisa, mes-

mo havendo destaque da atuação das mulheres para lidar com as questões sanitárias, científicas e políticas sobre a pandemia,

Enquanto o programa avançou consideravelmente para elucidar a população sobre o novo coronavírus, as mulheres como fontes ocuparam espaços reduzidos quando comparadas à presença de homens dentro da mesma função. Um outro ponto de invisibilidade foi quanto à diversidade sexual. Não foram consultados, enquanto tais, homossexuais, lésbicas, travestis e transgêneros para evidenciar suas realidades pandêmicas. A invisibilidade desses grupos e sujeitos também faz parte das atividades jornalísticas no cotidiano do exercício da profissão. Deste modo, o jornalismo mais uma vez se consagra como sendo uma prática pertencente ao gênero masculino.

Referências

- AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do; ARIAS NETO, José Miguel. Política e perversão no impeachment de Dilma Rousseff. **Chasqui** – Revista Latinoamericana de Comunicación, Quito, n. 135, p. 55-70, 2017. <https://doi.org/10.16921/chasqui.v0i135.3157>.
- ARENDR, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo e revisão técnica e apresentação de Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ARENDR, Hannah. **O que é política**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2018.
- BORGES, Juliana. **Prisões**: espelhos de nós. São Paulo: Todavia, 2020.
- BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- CARVALHO, Laura. **Curto-circuito**: o vírus e a volta do Estado. São Paulo: Todavia, 2020.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- FOWLER, Roger. **Language in the news**: discourse and ideology in the press. London: Routledge, 1994.
- GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**: ensaios de teoria do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2009. v. 1.
- GLOBAL MEDIA MONITORING PROJCT. **Who makes the news**. Brasil National Report. [S. l.]: Wacc Communication for All, Code for Africa, 2020. Disponível em: <https://whomakesthenews.org/wp-content/uploads/2021/07/1-Relatorio-GMMP-Brasil-portugues-12-07-21-completo-1.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2021.

HERNANDES, Elizabeth Sousa Cagliari; VIEIRA, Luciana. A guerra tem rosto de mulher: trabalhadoras da saúde no enfrentamento à COVID-19. In: **ANESP**. Brasília, DF, 2020. Disponível em <http://anesp.org.br/todas-as-noticias/2020/4/16/a-guerra-tem-rosto-de-mulher-trabalhadoras-da-sade-no-enfrentamento-COVID-19>. Disponível em: <https://anesp.org.br/todas-as-noticias/2020/4/16/a-guerra-tem-rosto-de-mulher-trabalhadoras-da-sade-no-enfrentamento-covid-19#>. Acesso em: 25 fev. 2020.

HOMEM, Maria. **Lupa da alma**: quarentena-revelação. São Paulo: Todavia, 2020.

LAGE, Nilson. Relacionamento do repórter com as fontes: procedimentos e teorias. **Biblioteca Compós** – Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, 2000. p. 1-15. Disponível em: <https://proceedings.science/compos-2000/papers/relacionamento-do-reporter-com-as-fontes--procedimentos-e-teoria?lang=pt-br>. Acesso em: 24 fev. 2021.

PANORAMA LABORAL 2020. Lima: OIT / Oficina Regional para América Latina y el Caribe, 2020. 204 p. Disponível em: https://www.ilo.org/americas/publicaciones/WCMS_764630/lang-es/index.htm. Acesso em: 25 fev. 2020.

ROCHA, Paula Melani; DANCOSKY, Andressa Kikuti. A feminilização do jornalismo e a ausência de perspectiva de gênero nas editorias de tecnologia no Brasil. **Intexto**. Porto Alegre, n. 35, p. 119-136, 2016. <https://doi.org/10.19132/1807-8583201635.119-136>.

SAFFIOTI, Heleith I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Caderno Pagu**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001.

SCHIEFFER, M. *et al.* (coord.). **Demografia Médica No Brasil 2018**. São Paulo: Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP; Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo; Conselho Federal de Medicina, 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/DemografiaMedica2018.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2020.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, 1990.

SILVA, Marcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre modos de produção das notícias. 2010. Dissertação (Mestrado em Curso de Comunicação e Informação, Biblioteconomia e Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

TORRES, Carmen. **Género y comunicación**: el lado oscuro de los medios. Santiago: Ediciones de la Mujer, 2000.

TUCHMAN, Gayle. **Making news**: a study in the construction of reality. New York: The Free Press, 1978.

VILAÇA, Aparecida. **Morte na floresta**. São Paulo: Todavia, 2020.

WOITOWICZ, Karina J.; ROCHA, Paula M. Estudos de gênero no Jornalismo: perspectivas de análise das mulheres jornalistas e das representações femininas. In: WOITOWICZ, Karina J.; ROCHA, Paula M. (org.). **Marcas & discursos de gênero**: produções jornalísticas, representações femininas e outros olhares. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014. p. 131-150.

Muriel Emídio Pessoa do Amaral

Doutor em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru), em Bauru, SP, Brasil; doutorado sanduiche em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro, Aveiro-Portugal; mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru), em Bauru, SP, Brasil. Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), em Ponta Grossa, PR, Brasil. Professor colaborador no Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), em Ponta Grossa, PR, Brasil.

Paula Melani Rocha

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Carlos, SP, Brasil; com pós-doutorado em Jornalismo pela Universidade Fernando Pessoa, Porto-Portugal; mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos, (UFSCar), em São Carlos, SP, Brasil; graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil; graduada em Jornalismo pela Faculdade Casper Libero, em São Paulo, SP, Brasil. Professora associada do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e da graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), em Ponta Grossa, PR, Brasil.

Endereço para correspondência

Muriel Emídio Pessoa do Amaral/ Paula Melani Rocha
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748
Uvaranas, 84030-900
Ponta Grossa, PR, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.